

A GEOPOLÍTICA INTERNACIONAL E OS EFEITOS DA PANDEMIA: Uma nova ordem global em transição?

INTERNATIONAL GEOPOLITICS AND THE EFFECTS OF PANDEMIA: A new global
order in transition?

Submetido em 02 de agosto de 2020

Aceito em 26 de agosto de 2020

Ronaldo Augusto Campos Pessoa

camposbr@hotmail.com

Universidade Federal do Tocantins

Palmas – Tocantins - Brasil

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir os efeitos da pandemia atual a partir de reflexões sobre desajustes da política internacional, impactos nos países e as dificuldades expostas na pandemia para respostas consequentes da comunidade internacional e dos governos fragilizados pelo desequilíbrio social e econômico. Apesar do despertar da sociedade solidária, o descaso dos governantes apontou a importância da ciência e das instituições públicas na luta contra o vírus. As estimativas indicam futuras preocupações de ordem global e cicatrizes políticas na história contemporânea. Qual a nova ordem global pós-desastre da pandemia desenhará o mundo? Esta questão persiste nas análises e ideias dos autores sobre uma nova ordem global em transição. Debates oscilam entre o fim da globalização e o espaço da *realpolitik* na competição EUA versus China. Uma nova geopolítica da cooperação internacional estaria baseada nos valores humanistas e na expansão do multilateralismo com a participação das economias emergentes. Entre análises e resultados, renascem o espaço público e os desafios para reformulação da política de governança global.

Palavras-chave: Geopolítica; Pandemia; Nova Ordem Global

Abstract

The purpose of this article is to discuss the effects of the current pandemic from reflections on international policy maladjustments, impacts on countries and the difficulties exposed in the pandemic for consequent responses from the international community and governments weakened by social and economic imbalance. Despite the awakening of the solidary society, the neglect of government officials pointed to the importance of science and public institutions in the fight against the virus. Estimates indicate future global concerns and political scars in contemporary history. What new global order post-disaster of pandemic will shape the world? This issue persists in the authors' analysis and ideas about a new global order in transition. Debates oscillate between the end of globalization and the realpolitik space in the US versus China competition. A new geopolitics of international cooperation would be based on humanist values and the expansion of multilateralism with the participation of emerging economies. Between analyzes and results, the public space and the challenges to reformulate global governance policy are reborn.

Keywords: Geopolitics; Pandemic; New Global Order

Introdução

A pandemia atual que circula ao redor do mundo provocará desajustes na política internacional com impactos severos nos próximos anos e decênios. Os efeitos serão sentidos pela desagregação das políticas públicas nacionais que tornaram evidentes nos países lacunas na gestão social e de saúde, assim como a concentração de desigualdades locais por todos os continentes. A pandemia expôs dificuldades para reações emergentes por parte das instituições públicas, em particular das gestões frágeis e de posturas autoritárias. Tem despertado nas pessoas e sociedades comportamento solidário e formas resilientes de sobrevivência frente ao descaso dos governantes com os desfavorecidos. Além de enfatizar a relevância das pesquisas científicas, a pandemia aproximou campos interdisciplinares de investigação atuando em cadeia global frente a luta contra o vírus.

Mas não só de pandemia sanitária vem sobrevivendo o mundo no início deste século. São muitas as instabilidades globais que se associam de alguma maneira e revelam interfaces de uma mesma moeda. As crises sistêmicas da saúde, da economia, da política e do meio ambiente, podem ser observadas tanto no processo de globalização desigual como na ingerência da geopolítica das relações internacionais neoliberais. Segundo Dowbor,

Convergem neste momento quatro crises: a crise ambiental, a crise da desigualdade, o caos financeiro e a pandemia. Ao paralisar a economia mundial, o coronavírus nos coloca frente a um desafio sistêmico. (DOWBOR, 2020, p. 25).

Os impactos desse processo pandêmico, até o presente momento, indicam preocupações de ordem global com estimativas futuras de governos marcados por cicatrizes profundas, sobretudo, nas políticas econômicas e sociais. Situação que faz Dowbor (2020, p. 25) refletir e avaliar “a forma como nos organizamos, como nações e como sociedade global, tornou-se disfuncional.” Desse modo, expõe-se a seguinte questão: Qual a nova ordem global pós-desastre da pandemia desenhará o mundo? Nos quatro cantos do mundo autores trocam ideias ou confabulam sobre uma nova ordem global em transição. Associam transformações na dinâmica da globalização e a ocupação do espaço com “elementos de *realpolitik*” (KOTZ, 2018, p. 51) na competição entre os EUA e a China, países esses que representam economias robustas e a hegemonia clássica da política internacional (DIEKMANN, 2020). Perspectivas de uma nova cooperação internacional vêm sendo projetadas com ênfase no multilateralismo neoliberal e participação da União Europeia (UE) e do conjunto de países emergentes.

A cooperação internacional e a pandemia sofrem de uma contradição exemplar, entre as novas fronteiras construídas para contenção da expansão do vírus nas cidades e a dependência do mercado de troca entre países. A livre mobilidade, sinônimo de liberdade da sociedade moderna, passou a ser restringida por ordem sanitária internacional. Esse processo que parece ser contraditório põe em xeque princípios universais do ideário democrático e da preservação da vida humana como prioridade máxima na atual pandemia. Um dilema que estabelece confrontos reais em escala global, mas aponta opções seguras para escolha. Isso leva à investigação sobre violações no cotidiano das sociedades e dos mercados proveniente das desigualdades sociais e econômicas comuns ao ciclo capitalista histórico (DEMIROVIĆ, 2020; ZELIK, 2020), e por vezes, determinadas pelas crises conjunturais, transformações sociais ou catástrofes humanitárias como nas pandemias enfrentadas no último século e na atual em desenvolvimento.

Neste artigo, reflete-se sobre os efeitos pandêmicos na conjuntura da política internacional contemporânea. Os impactos nos países são sem precedentes, assim como as

dificuldades da comunidade internacional para visualizar respostas que possam ser satisfatórias ao pós-desastre da pandemia. Entre análises e resultados renascem os espaços públicos e os desafios para formular uma nova política internacional de governança global. Portanto, atribui-se ao problema sanitário global a importância da constituição de uma política diplomática de saúde permanente, conforme Rezende, “justificar-se como política pública atenta aos anseios da população” (REZENDE, 2018, p. 50), necessária para minimizar as incertezas sociais e econômicas que vêm atingindo, em especial, as populações vulneráveis de todos os países durante as pandemias.

A pandemia corrente passou a exigir da cooperação internacional viabilidade de frentes geopolíticas organizadas para compartilhar conhecimentos técnico-científicos de profissionais da saúde e garantir o comércio de materiais específicos para combater o vírus, às quais caracterizam avanços significativos em pesquisas científicas para tratamento da doença e na criação e produção de vacinas. A cooperação científica estabelecida na área de saúde pública entre países e instituições internacionais é um novo marco na diplomacia global que fortalece o protagonismo das universidades públicas na formação e execução das políticas sociais e sanitárias. A declaração do estado de pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 11 de março de 2020 e o reconhecimento das instituições de pesquisa como instrumento fundamental na cooperação internacional em saúde, abriram espaços para frentes geopolíticas internacionais no enfrentamento do vírus. Como enfatiza Rezende (2018, p. 39), “o tratamento multilateral dos temas de saúde tem, dessa maneira, interface com a própria evolução das organizações internacionais intergovernamentais desde meados do século XIX.” De fato, a perspectiva para formação de novas frentes geopolíticas pós-pandemia surgirá com indagações de natureza política, econômica, social, ética e moral, por conseguinte, essas questões são tratadas neste artigo a partir do desenho de cenários da cooperação internacional do mundo pós-ocidental (STUENKEL, 2018) e da inclusão das economias emergentes na arena internacional. Desse modo, para Rezende é importante destacar que,

foi a partir da criação da OMS, entretanto, que se constituiu uma entidade de abrangência universal voltada, prioritariamente, à temática sanitária, com

mandato e capacidade de ação globais. (REZENDE, 2018, p. 39).

Os dados oficiais divulgados pela OMS até 30 de julho de 2020 revelam mais de 17 milhões de infectados e mais de 600 mil perdas humanas no mundo vítimas do novo coronavírus. Esses dados representam grandes impactos sociais nas economias dos países, embora não se possa ainda estimar a profundidade das transformações que virão acontecer no conjunto das sociedades, são imprevisíveis as dificuldades para se estabilizar a demolição proporcionada pelo vírus em curto tempo. Apresenta-se assim ao debate em tela, os efeitos da pandemia com expectativas de que futuras negociações do sistema de cooperação internacional sejam razoáveis, seguindo a lógica pós-ocidental das relações internacionais contemporâneas (STUENKEL, 2018), com base no renascimento dos valores da esfera pública, tendências à expansão do multilateralismo e exigências para soluções referendadas por políticas de saúde públicas e globais.

O renascimento da esfera pública

O debate acadêmico sobre a dimensão da esfera pública esteve em ascensão na última década do século XX com a aceleração da globalização. Hoje, opina-se que a desintegração da globalização é uma realidade necessária para fortalecer a resiliência nacional (FELBERMAYR, 2020). O Estado, como alvo desse debate, representa a instituição que assegura os bens públicos, inclusive a ordenação do sistema das relações internacionais procurando evitar desequilíbrios nas balanças política, econômica e social da ordem global. No cenário internacional as ideias sobre reestruturação na governança global estiveram ativas após a Guerra Fria, assim como os questionamentos sobre a importância do sistema da Organização das Nações Unidas (ONU) para os países membros. Com o surgimento de pandemias e crises globais no início deste século, o debate sobre reformas das instituições internacionais foi repensado. Entre outras instituições, a OMS passou a ser mais valorizada na cooperação científica internacional e atualmente tornou-se uma referência nos estudos e pesquisas para melhor compreender o desempenho público do recente fruto da globalização: a pandemia do novo coronavírus.

A pandemia tem característica própria para aterrorizar ao mesmo tempo e espaço as

instâncias públicas no mundo, o que dificulta de certa forma a atuação do Estado na gestão e harmonização das políticas públicas contra o vírus. Da mesma forma que as medidas de proteção do meio ambiente para minimizar os efeitos da mudança do clima, as políticas de saúde para controlar a propagação do vírus devem estar livres das garras do comércio e da exploração por mais-valia. Essas políticas de modo geral não conseguem estar totalmente fora do controle da “economia real” (DOWBOR, 2020, p. 27) de mercado, porém, se associadas ao contexto pandêmico atual, devem ser compreendidas como de bens públicos para assegurar o bem-estar do conjunto da sociedade e de negociação sem fins lucrativos (DEMIROVIĆ, 2020; ZELIK, 2020). Como exemplo, as pesquisas laboratoriais e a gestão de produção das vacinas em desenvolvimento para combater a pandemia têm investimentos de alcance universal, são mecanismos de cooperação e governabilidade com base no renascimento dos valores da esfera pública global, embora não estejam imunizados dos princípios mercantilistas da economia internacional.

Para Habermas (2003), a esfera pública é o espaço da governança democrática. Esse espaço ocupado pela política independe da forma de exercício do poder político, mas dos valores investidos na deliberação política para exercer o poder. Os princípios da política na esfera pública constituem-se a partir da formação ética e moral e dependem das virtudes dos gestores e dos cidadãos no exercício da política, virtudes essas de acordo com Maquiavel devem ser orientadas para promover o bem coletivo (MAQUIAVEL, 1983), embora muitas vezes são equacionadas para outros fins. Sendo assim, o debate sobre o resgate do significado da esfera pública exige considerar as normas democráticas no exercício do poder público e promover a comunicação política deliberativa (HABERMAS, 2003), indicativos para assegurar a formação da opinião pública e o nível de confiabilidade da população no decorrer da pandemia.

No caso do Brasil, o debate público proveniente da esfera governamental tem sido de descompromisso com a sociedade e de negacionismo no trato da pandemia, tanto no âmbito nacional quanto tem repercutido na arena internacional. Descaracterizando os mecanismos democráticos com a desvalorização da esfera pública e do processo deliberativo político, como afirma Habermas, procedimentos que devem ser regulados nas instituições do Estado e nos

espaços públicos e políticos (HABERMAS, 2003). Mesmo com os excessos de assolação da pandemia no país, observa-se uma desconstrução da constitucionalidade do Estado e das instituições que fomentam a esfera pública para deliberação de decisões na governança da situação pandêmica. Frente ao quadro lastimável de dificuldades que enfrenta a sociedade, a ação política, por conseguinte, é o instrumento que orienta o sistema político no processo de deliberação e garante a participação dos cidadãos na tomada de decisão (WEBER, 2014). No desfecho da pandemia é fundamental que a deliberação política esteja em sintonia com os anseios da sociedade.

O espaço público da comunicação internacional foi preservado pelos cientistas já no início da pandemia com a cooperação dos países na busca de respostas à eliminação do vírus. Avanços significativos nas pesquisas científicas sobre imunidade ao vírus em diversos países como China, EUA, Inglaterra, França, Alemanha, Rússia entre outros, têm o apoio da OMS favorecendo a elaboração de políticas públicas globais para minimizar os efeitos da pandemia. Isso caracteriza a importância do papel da OMS no cenário global assegurando a confiança de setores das esferas estatal e social sobre as inconsistências do vírus. Sua expansão exige a interferência da OMS na produção de orientações sobre medidas de precaução universal. É importante destacar a visão social e a gestão das informações administradas pela OMS (REZENDE, 2018). Desta maneira, a situação pandêmica contemporânea trouxe ao cenário da geopolítica internacional controvérsias sobre uso e fruto do espaço público, exigindo assim a volta da institucionalização do Estado - da Cooperação Internacional - como ator principal e de domínio do poder de decisão sobre a segurança dos cidadãos e dos bens públicos, como a preservação do Sistema Único de Saúde (SUS) no Brasil e dos sistemas de saúde de outros países fortemente atingidos pela catástrofe sanitária.

Por fim, destaca-se a característica pública da pandemia (ZELIK, 2020), a expansão sem limites do vírus e as dificuldades dos sistemas nacionais de saúde de impedirem o alastramento. Apesar dos esforços dessas instituições no combate ao vírus, os entraves permanecem para se unificar uma política global sem barreiras, considerando, por exemplo, a escassez de recursos e de formação profissional adequada entre outras dificuldades. Entretanto, os problemas de ordem

sanitária que existiam antes da crise pandêmica não desaparecerão do ciclo da esfera pública internacional. Muito pelo contrário, a pandemia está exacerbando as tendências à autocracia, populismo e a volta da “*protektionistischer Politik*” (DIEKMANN, 2020, p. 341), além de superar as crises financeiras e desastres ambientais anteriores no mundo, seu alcance global faz com que seja uma sólida crise geopolítica internacional, causando mais sofrimento humano e maiores impactos social, econômico e político.

Geopolítica, cooperação internacional e pandemia

Nos campos da geopolítica e da cooperação internacional a pandemia marca uma nova era nas relações internacionais. A economia global vem sofrendo impactos afetando as relações comerciais entre países, tornou-se evidente a dependência mútua dos setores de exportação e importação na balança internacional (BOONE, 2020). O protecionismo passou a ser a moeda mais cotada durante a pandemia, novas restrições à exportação de produtos hospitalares passaram a vigorar desde início da crise sanitária. A Alemanha e a França removeram suas barreiras comerciais, mas a UE passou a restringir a exportação de equipamentos de proteção. Embora existam exceções à ajuda humanitária, muitos dos países mais pobres ficaram indefesos contra o vírus no começo da crise. A pouca solidariedade europeia fizeram os países não pertencentes ao mercado comum da UE se voltarem à China (DIEKMANN, 2020).

As cadeias de suprimentos internacionais não estão sendo limitadas apenas para produtos de combate ao vírus. A tendência das economias nacionais, estreitamente interligadas antes da crise, é de intensificação do processo bilateral da globalização. Por outro lado, as ações de segurança nacional na pandemia estão se tornando estruturais, não apenas para os governos, mas para as empresas multinacionais que reconheceram a vulnerabilidade de suas cadeias de valor global. A otimização econômica da globalização tem um preço que muitos consideram alto demais, um conflito antigo que volta a incomodar o mercado financeiro da cooperação internacional. Além disso, segundo Boone é importante lembrar que, “*together, the countries affected in this scenario represent over 70% of global GDP*” (BOONE, 2020, p. 41). Isso representa, conseqüentemente, o poder de compra dos países no mercado financeiro

internacional. Desta maneira, seria certo afirmar que o duelo geopolítico econômico entre os EUA e a China permanecerá pós-crise.

As acusações de Donald Trump contra a postura de Xi Jinping por ter omitido a existência do vírus com escalação à pandemia, não devem esconder o fato de que a pandemia piorou ainda mais o clima entre as duas principais potências que controlam a economia global. O vírus da China citado por Trump coloca-se contra as teorias conspiratórias de Pequim expressas por Jinping, afirmando que os militares dos EUA trouxeram o vírus para Wuhan. Neste conflito geopolítico internacional, identifica-se a China em campanha global de relações públicas pelo mundo, com ênfase na inovação tecnológica, desejando preencher o vácuo de liderança global que os EUA criaram por meio de sua política externa reducionista.

O novo coronavírus expande-se no mundo globalizado emitindo sinais aos governantes das nações de economia forte e emergentes e às instituições internacionais sobre a importância de harmonizar políticas globais contra a pandemia. O quadro crítico de ausência da cooperação internacional durante os estragos do vírus, demasiado nos espaços insustentáveis das cidades e seus territórios populares, comprova que marcos regulatórios internacionais devem ser fortalecidos, apesar das dificuldades que as instituições internacionais enfrentam para respostas em curto espaço de tempo como exige a pandemia. Diante dessa situação pandêmica, a questão central do debate é como harmonizar as políticas de cooperação internacional, inclusive da área de saúde, no sistema global? A geopolítica da cooperação internacional tem sido nos últimos anos orquestrada pelo bilateralismo com ênfase nas relações comerciais, principalmente entre a China e os EUA. O que condiz com ideias que enfatizam o descompromisso das nações com a cooperação internacional, como ressalta Boone,

however, in this globally connected economy and society, the coronavirus and its economic and social fallout is everyone's problem, even if firms decide in the wake of this virus shock to repatriate production and make it less interdependent. (BOONE, 2020, p. 43).

Mas qual a perspectiva da política internacional diante da pandemia? Parece ser consenso nas discussões acadêmicas a necessidade de reestruturação da cooperação internacional com base

no multilateralismo e mais colaboração institucional entre as nações. Todavia, nos últimos anos têm predominado a consolidação hegemônica do bilateralismo entre as grandes economias mundiais. Isso projeta a guerra entre instituições globais e movimentos nacionais pela supremacia política durante a proliferação do vírus. Esse campo de debate tem ofuscado políticas nacionalistas conservadoras como 'Brasil Acima de Tudo' ou *America First* diante da catástrofe em evolução, são *slogans* de políticas populistas e eleitoreiras que não contribuem com soluções à cooperação internacional, muito pelo contrário, apresentam polêmicas e contradições nas entrelinhas da geopolítica confundindo o cenário global no combate pandêmico.

O contexto político da cooperação internacional apresenta contradições entre as narrativas dos países líderes do sistema global e a competição no mercado mundial para investimentos em inovação e soluções tecnológicas. As negociações atuais para implementação da Tecnologia 5G são sustentadas pela concorrência entre as duas potências EUA e China (DIEKMANN, 2020) e fazem processar parâmetros do jogo bilateral e hegemônico já conhecido da antiga geopolítica nacionalista. Salutar, é o fato de que durante a Guerra Fria a China não era considerada como um perigo aos EUA e no momento tem o domínio das atividades econômicas entre os países do G20 (BOONE, 2020) e de outros. Passou a usufruir de entraves políticos como arma frequente para desviar objetivos democráticos da cooperação internacional, no mínimo, para favorecer o retorno da hegemonia do sistema global de economia neoliberal?

Diante das crises financeiras do passado e da crise socioeconômica atual, sem respostas sustentáveis do sistema internacional, observa-se o desdobramento da China como alternativa no cenário global (O'DEA, 2019). Com investimentos de capital no desenvolvimento de mercado e de infraestrutura física em países considerados de economia fragilizada e desgastados por sucessivas crises políticas e sociais, a China, de forma estratégica vem ocupando espaço político no cenário internacional e a confiança desses países. Neste momento de pandemia passa a ter boa receptividade frente a crise sanitária desassistida, ainda mais pela emergência de infraestrutura nos territórios populares das grandes metrópoles latinas. Fato é, o desenho político de abrangência global surge como oportunismo em pleno contexto pandêmico. O grande desafio está na formulação de uma política internacional global que garanta novos processos regulatórios em

instituições de caráter multilateral, evitando assim a propagação do bilateralismo proveniente das opções neoliberais tóxicas e incapazes de produzir acordos sustentáveis de cooperação internacional. O colapso dos sistemas nacionais de saúde nos países mais afetados durante a pandemia é um retrato das dificuldades da OMS na organização e harmonização das políticas de saúde pública em escala geopolítica global.

Uma nova ordem global em transição?

Projetar uma nova ordem internacional na contemporaneidade implica em avaliar o desenvolvimento das relações internacionais entre o ocidente e o oriente, em particular, da política externa que será orientada na China ou nos EUA no período pós-crise pandêmica. Os reflexos dessa relação política serão sentidos na condução dos acordos políticos e econômicos entre as duas potências com impactos para o resto do planeta. Historicamente tensa, esta relação tem produzido grandes divergências internas entre as elites políticas dos EUA. Aceitar a China como um concorrente nas decisões globais representa um confronto ao sistema das relações internacionais e tem sido um desafio a cada ano que se acelera a Nova Rota da Seda chinesa - “*Belt and Road Initiative*” - e os impactos sobre o resto do mundo (KOTZ, 2018, p. 79; FERDINAND, 2016, p. 948).

A pandemia trouxe com notoriedade a dependência dos países junto ao mercado chinês por recursos industrializados para suprir as necessidades sanitárias das unidades hospitalares. Constata-se, em destaque, a dependência dos países da importação de equipamentos da indústria chinesa para combate ao vírus (DIEKMANN, 2020). Nesse sentido, a pandemia não representa uma pacificação na relação política entre as maiores economias do planeta, mas um aprofundamento da crise pandêmica. O fim deste conflito parece estar distante, considerando as dificuldades dos EUA para reativar posições políticas nas decisões globais por falta de uma visão geopolítica de governança multilateral e da direção na política interna do país. São falhas da política hegemônica de relações internacionais que fortalece a capacidade de argumentar da China em função do domínio da tecnologia, normas do mercado econômico e política diplomática de boa vizinhança com ajuda financeira aos países do Cone Sul. Dilatando-se assim os espaços de confrontação na busca por uma nova ordem global em processo de transição?

A transição em debate pode ter iniciado na última década do século XX, influenciada por transformações nas relações internacionais com a implementação de novas políticas para o comércio externo com privilégios para países ocidentais e a ampliação da participação de outros países nas instituições internacionais. Desse modo, facilitou a interação do comércio da China quebrando a hegemonia ocidental operando com inclusão no mercado internacional.

Na primeira década do século XXI é marcante a presença da China como potência econômica. Destaca-se como país promissor pelo desenvolvimento interno e sua postura versátil frente ao sistema internacional, além da busca pela consolidação no mercado mundial de produtos manufaturados e grandes investimentos em torno do globo. Segundo O’Dea, “*China’s dominance of global manufacturing rests on a triad of commercial capabilities that emerged as byproducts of the country’s industrialization*” (O’DEA, 2019, p. 2). Essa *triad* representa áreas essenciais para consolidar parcerias econômicas regionais além das fronteiras: a instalação de conexões portuárias, a mobilidade e a “*electronic networks*” (O’DEA, 2019, p. 2). Uma nova forma de posicionamento se diferencia do comportamento das nações no período da Guerra Fria, quando a rivalidade entre grandes potências centrava-se nas relações políticas e no militarismo e não na participação das decisões ocidentais do comércio internacional.

Atualmente a China participa de forma ativa e como ator central no sistema internacional passando a ser prioridade no comércio entre muitos países. Por sua vez, enfatiza o desinteresse por hegemonia exaltando a independência política e soberania. O oposto da posição americana sobrepõe-se com a hipervalorização do dólar no mercado internacional e consolidação de bases militares em todos os continentes. A interpretação dessa controvérsia direciona para o debate sobre o significado do volume de investimentos da China e o valor da moeda americana nas operações financeiras internacionais. Por outro lado, os investimentos chineses nas novas tecnologias e armamentos em expansão, têm assustado o sistema internacional colocando os EUA longe da hegemonia e em dificuldades para impedir o desenvolvimento da China.

Nas circunstâncias atuais, a divergência entre os EUA e a China no contexto das relações internacionais, tem se caracterizado pela concorrência para manter a hegemonia e a conquista de espaço nos investimentos globais. A polarização tende a passar do plano bilateral para o

multilateral baseado no comércio regional de abrangência global. “*The China Dream*” citado por Ferdinand (2016, p. 942) e consolidado na política externa chinesa “*Belt and Road Initiative*”, segundo Kotz, é interpretada como estratégia de intimidação aos EUA, além de abalar os mercados dos países ativos da UE através da proposta de integração comercial via Eurásia (KOTZ, 2018, p. 79; FERDINAND, 2016, p. 948). Esta nova ordem global desenhada nos espaços regionais tornou-se ainda mais intensa durante a pandemia com a procura dos insumos sanitários produzidos em grande quantidade na China. De outro ponto de vista, esses fatos esclarecem as dificuldades para reforma das instituições internacionais com base em princípios comuns de uma governança global, princípios que poderiam valer-se para minimizar parte das dificuldades dos países gravemente afetados por conta da pandemia. Os impactos da pandemia nas economias das duas potências, EUA e China, modificam as estratégias das rotas de negociações internacionais. Passam a ser mais visíveis os problemas de ordem social resultantes do acúmulo das crises econômicas dos últimos anos confrontados nos países, por último, a escassez de recursos impede ampliar os investimentos durante a crise pandêmica.

O período pós-pandemia é difícil ser projetado e torna-se ainda mais arriscado fazer previsões sobre o desenvolvimento do mercado financeiro e da política externa internacional, pontos estratégicos que impedem definir com segurança sobre a nova ordem global em transição. A China tem acumulado dificuldades de ordem externa, apesar da reestruturação do crescimento econômico, o déficit nacional e regional é inevitável. Assim como os EUA, alternativas de investimentos em novas tecnologias sofreram desaceleração no setor industrial que depende em parte do mercado externo. Pauta que obriga o mercado chinês rever a nível global investimentos seguindo as orientações das demandas nacionais e aptidões do mercado externo (DIEKMANN, 2020; BOONE, 2020).

É certo afirmar que, a política externa global funcionará nos próximos anos com fortes tensões sociais e econômicas. Considerando a devastação da pandemia nos territórios populares, onde ficaram ainda mais latente as profundas desigualdades sociais, na América Latina essas tensões crescerão até o final de 2020 por conta das eleições americanas. Acontecimento que não contribuirá para ampliar o debate sobre mudanças na cooperação internacional. Na mesma

situação de desequilíbrio estarão a UE e as economias emergentes de grande porte dos países como Índia, Brasil e Rússia. Essas economias influenciam de forma regional na nova ordem global alterando a constelação da cooperação internacional.

Entre muitas transformações em transição, as propostas para inovação na cooperação internacional podem servir de parâmetro estrutural nas relações políticas internacionais entre países. Considerando que as tensões provocadas pela pandemia refletem no exercício da geopolítica e cooperação internacional. Essas tensões trazem de volta ao cenário global o debate sobre a importância do papel da esfera pública exigido no âmbito da pandemia. No mais recente depoimento do dirigente maior da China, Xi Jinping, os esforços para reestabelecer os impactos da pandemia nas atividades econômicas não serão mensurados, políticas flexíveis devem ser implementadas para facilitar demandas dos mercados globais e evitar o protecionismo regional e a desaceleração da economia, fortalecendo a inserção da China no cenário internacional até o próximo século?

Considerações finais

Os efeitos pandêmicos no cenário internacional foram pesquisados com o intuito de compreender o caminho que seguirá a cooperação internacional global pós-pandemia. Os impactos em todos os continentes são imensuráveis e as dificuldades apresentadas acompanham respostas ainda paliativas, tanto na emergência do término como nas perspectivas de retorno das atividades políticas das organizações internacionais. Essas situações levam a definir os novos marcos regulatórios de orientação da geopolítica internacional no mundo. Como pano de fundo desse período de devastação do vírus, a solidariedade dos grupos sociais e a ajuda mútua da comunidade global, consagraram-se nos cenários nacionais e internacionais diante da importância da atuação das instituições públicas e da ciência universal na batalha para vencer a pandemia.

A pandemia atual pode ser ressaltada como um processo indutor para reflexões sobre a importância do acesso às políticas públicas de saúde, educação, infraestrutura sanitária e dinâmica econômica ao conjunto da sociedade, consolidando assim a inclusão cidadã. Essas iniciativas políticas estão associadas com dinâmicas tecnológicas e avanços científicos, revisão da

governança econômica e gestão da esfera pública nos níveis nacional e internacional, por conseguinte, funcionam como estratégias de fomento à cooperação internacional na perspectiva de uma nova geopolítica de ordem global.

Entre questões e respostas o debate político renasce no espaço público expresso nas iniciativas da sociedade consciente dos valores universais compartilhados em tempos de pandemia. Mas, a política no contexto nacional e internacional continuará em transição e expondo dúvidas e sequelas. No caso da situação pandêmica vigente, o alto índice de contaminação resultando em interrupções do contato social, do comércio e da produção, representam situações que poderiam ter sido minimizadas, se políticas democráticas e universais fossem conduzidas?

Entretanto, as dúvidas dos governantes e das sociedades aproximam ideias sobre um novo desenho do sistema internacional, nas quais a cooperação entre os países deve ser prioridade na reestruturação da geopolítica das relações internacionais. Ademais, os modos de investimento para intensificar o conhecimento científico, a formação profissional e a garantia de recursos materiais são demandas que impactam instituições nacionais e internacionais ao longo do período de expansão da pandemia.

Sem dúvida, durante a pandemia foram expostas as preocupações sociais, econômicas e políticas que influenciam a ordem global, mas respostas concretas sobre qual a nova ordem global pós-desastre da pandemia desenhará o mundo, persistirá no debate internacional ainda por muitos anos. Os movimentos para consolidar a governança da cooperação internacional estão em transição apoiados nos discursos nacionalistas sobre “*einer Deglobalisierung*” em curso, conforme afirma Zelik (2020, p. 348), e o avanço do bilateralismo nas negociações tecnológicas protagonizado na escalação conflitante entre EUA e China. Essas políticas, tragicamente, emergem na contramão dos valores humanistas e do multilateralismo democrático com participação das economias emergentes.

A inserção da China como nação protagonista das relações internacionais constitui uma estratégia da sua política externa estruturada com base na “*realpolitik*” (KOTZ, 2018, p. 55), visão ampliada de interesses comerciais e princípios definidos para possibilitar a cooperação

internacional sem barreiras (O'DEA, 2019). Visão que estende-se ao poder de influência e a garantia de liderança política proporcionada pelos investimentos econômicos e tecnológicos, compartilhados com países estáveis e emergentes a qualquer custo e com o intuito de consolidar-se como liderança global. Entre os países emergentes encontra-se o Brasil como um dos alvos, por ser um dos principais parceiros da China no mercado internacional de agricultura, transformação energética e inovação tecnológica, entres outros acordos comerciais.

A participação do Brasil na arena internacional tem acontecido, não só como parceiro da China e de outros países, mas algumas vezes como protagonista de acordos políticos no cenário das relações internacionais. Porém as crises econômicas e sociais dos anos 1990 no país provocaram distanciamento marcado pela busca de confiança e segurança no cenário internacional. Os anos 2000 determinam uma nova fase da atuação do Brasil no plano internacional com mudança de paradigma na política externa nacional, tanto no que diz respeito à participação ativa nas organizações internacionais e foros multilaterais como nas relações bilaterais. Nos últimos 15 anos, o Brasil procurou enfatizar sua liderança na América do Sul, estratégia utilizada para dinamizar a interação internacional com instituições e países e consolidar parcerias.

O desenvolvimento descontrolado da pandemia no país associado com a inoperância no trato da crise sanitária, passou a ser o quadro atual desenhado do governo brasileiro dentro e fora do país. Políticas de negacionismo e acusações marcam a posição do Brasil na pandemia. Acontecimentos que provocaram certo estranhamento diplomático com a China através de agressões verbais compartilhadas e de menosprezo às relações econômicas com o maior parceiro econômico do país, além da falta de compreensão sobre o sentido da diplomacia nas relações internacionais devido ao desmatamento na Amazônia. Atualmente a representação da política externa brasileira tem evitado confrontar os entraves da geopolítica global, por omissão ou falta de uma visão holística da cooperação internacional?

Afinal, qual a influência do Brasil na nova ordem global em transição? Como um país pertencente ao grupo de economias emergentes de grande porte no BRICS e liderança no Mercosul, o Brasil contribui no espaço multilateral de comércio internacional apostando nas

mudanças tecnológicas e investimentos em infraestrutura como demanda a crise sanitária atual. O resgate da credibilidade do mercado internacional depende de mudanças políticas no cenário nacional. Essas mudanças implicam na posição do país diante das transformações no novo cenário da cooperação internacional, até mesmo pela dependência do país nas áreas de inovação industrial, Tecnologia 5G e outras. Hoje, a nova ordem global parece exigir dos países mais centralidade nas decisões que impactam a comunidade internacional. Em síntese, segundo alguns autores, a fase pós-pandemia pode significar o primeiro passo à desglobalização. Países como China, EUA ou Índia, as maiores economias do mundo, têm um peso estratégico na economia global e são responsáveis pela reconfiguração regional de redes e cadeias de valor que integram a cooperação internacional. Espreadando economia intensiva de tecnologias e acordos comerciais que desenham a reconfiguração de uma nova geopolítica global.

Referências

BOONE, Laurence. Tackling the fallout from COVID-19. In: Beatrice Weder Di Mauro and Richard Baldwin (Hrsg.), **Economics in the Time of Covid-19**. London: CEPR Press, 2020, pp. 37-44.

DEMIROVIĆ, Alex. **In der Krise die weichen stellen. Die Corona-Pandemie und die Perspektiven der Transformation**. In: Zeitschrift Luxemburg Online, Berlin, 03.2020. < <https://www.zeitschrift-luxemburg.de/in-der-krise-die-weichen-stellen-die-corona-pandemie-und-die-perspektiven-der-transformation/>. > (consulta: 03/07/2020).

DIEKMANN, Berend. **Globale Handelsordnung – mit den oder ohne die USA?** In: ZBW – Leibniz-Informationszentrum Wirtschaft. Wirtschaftsdienst, 100. Jahrgang, 2020. Heft 5, 2020, S. 324-328. doi: 10.1007/s10273-020-2648-9. (consulta: 03/07/2020).

DOWBOR, Ladislau. **Além da Pandemia: uma convergência de crises**. In: João Décio Passos (Org.). A Pandemia do Coronavírus: Onde estivemos? Para onde vamos? São Paulo: Paulinas, 2020, p. 25-48.

FELBERMAYR, Gabriel. **Welthandel post Coronam**. In: ZBW – Leibniz-Informationszentrum Wirtschaft. Wirtschaftsdienst, Springer, Heidelberg, Vol. 100, Iss. 5, 2020, pp. 340-343. doi: 10.1007/s10273-020-2654-y. (consulta: 03/07/2020).

FERDINAND, Peter. **Westward ho - the China dream and 'one belt, one road': Chinese foreign policy under Xi Jinping**. International Affairs, v. 92, n. 4, p. 941-957, 2016. <



[HTTPS://PERIODICOS.UFPE.BR/REVISTAS/RURALUR-](https://periodicos.ufpe.br/revistas/ruralur-)

https://www.chathamhouse.org/sites/default/files/publications/ia/INTA91_4_Ferdinand.pdf. >
(consulta: 02/06/2020).

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

KOTZ, Ricardo L. **A Nova Rota da Seda: entre a tradição histórica e o projeto geoestratégico para o futuro**. Florianópolis/SC, 2018. 148 p. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais). Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais (PPRI), Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2018.

MAQUIAVEL, Nicolau. **O príncipe: escritos políticos**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

O'DEA, Christopher R. **How China Weaponized the Global Value Chains**. In: National Review, 20.06.2019. <<https://www.nationalreview.com/magazine/2019/07/08/how-china-weaponized-the-global-supply-chain/>> (consulta: 02/06/2020).

REZENDE, Bruno P. **Saúde, política externa e diplomacia pública**. In: Brasília. Ministério da Saúde. Saúde e Política Externa: os 20 anos da Assessoria de Assuntos Internacionais de Saúde (1998-2018). Brasília: Ministério da Saúde, 2018, p. 37-71.

STUENKEL, Oliver. **O mundo pós-ocidental: Potências emergentes e a nova ordem global**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

WEBER, Max. **Escritos políticos**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.

ZELIK, Raul. **In Verteidigung des Lebens Über die Corona-Pandemie, die sozialökologische Großkrise und die Möglichkeit eines neuen Sozialismusbegriffs**. In: Rev. PROKLA 199 50(2): 345-353, Juni 2020. doi: 10.32387/prokla.v50i199.1885. (consulta: 03/07/2020).